

## Intervenção na cerimónia Barreiro Reconhecido – 2014

Boa noite.

Bem-vindos.

O dia de hoje condensa mais horas que aquelas que consigo contar no relógio.

O que, bem vistas as coisas, corresponde à tendência de todo este ano: parco de dias para tanto caminho feito. Tanta década. Tanta gente.

É bom que seja assim.

É bom que, de quando em vez, o tempo nos comprima contra a parede. Nos tire o ar. Nos obrigue a olhar tudo de novo. Como se fosse a primeira vez. Como se os olhos pudessem cruzar o passado e o futuro. Assim! De repente! Sem aviso!

A vida tem destas coisas.

Surpreende-nos com exigências e desafios para que não tivemos tempo de nos preparar. Mas para os quais ela nos foi preparando.

E depois, a meio do caminho, faz-nos olhar um quadro do qual só tínhamos visto partes.

E então, de repente, vamo-nos encontrando. Reencontrando. Redescobrimo.

Estamos lá. No limite de um fio condutor cujas migalhas fomos deixando pela estrada, sinais e guias para este momento há muito agendado.

Neste dia onde conto tantos dias, ou neste ano em que somo tantos anos, procuro um ponto de apoio que me permita avançar. Entender.

Ou nem procuro. Ele impõe-se. Está lá, tão presente, tão físico mesmo quando tão subjetivo, que qualquer busca para lá dele seria infrutífera.

Não me encontro sem o Barreiro de permeio.

Sem esta moldura de gente e fábricas. Sem o associativismo. Sem o rio. Sem a luta. Sem o trabalho. Sem a resistência.

Faço parte deste Barreiro. Como cada um de vós.

Sou um elemento da sua multiplicidade. Com tudo o que isso implica e eu, de bom grado, aceito.

Aprende-se com o Barreiro que há um mundo possível, latente, alicerçado no sonho, na vontade e na determinação, talhado à medida do amanhã, sempre pronto a irromper.

Aprende-se que nada é permanente. Que nada está definitivamente conquistado. Que nada acabou. Que amanhã tudo voltará a começar.

Consgo esboçar os primeiros traços sobre este fundo.

Vou explorando. Como a criança que afundava a mão na água, no fim do cerco, até tatear o caranguejo. Até agarrá-lo.

As primeiras linhas – as primeiras que saltam à vista – ,sei-o bem, são contornos de um mundo que já não existe.

De homens à porta de casa. Papéis que se delimitam. Mundos estanques. Uma certa dureza palpável, audível, permanente.

Talvez então, pela primeira vez, o Barreiro me tenha mostrado que tudo tem um depois.

Que muitas vezes basta olhar por outro lado. Dar mais um passo. Arriscar.

Que de portas fechadas e caras severas podem nascer dezenas de associações desportivas.

Que a vontade e a mudança podem impor-se, irreprimivelmente, sobre a ordem aparente das coisas.

Que centenas de putos podem subitamente conquistar o mundo numa partida de xadrez, em cento e dez metros barreiras, num jogo de futebol.

Que quando os homens perseveram, independentemente das circunstancias, arrancam do coração da terra mudanças cujo sentido e alcance jamais se esquecerão.

Ainda que o mundo mude.

Por muito que o tempo passe.

E o tempo, inevitavelmente, passa.

E passou.

Por vezes brando.

Outras numa avalanche de minutos, horas, dias, anos, como se quisesse garantir que aquele que ainda ontem nasceu, que mesmo agora jogou basquete na rua, pudesse amanhã ser preso. Pudesse depois ser deportado. Torturado. Morto.

Outras ainda, num paradoxo aniquilador, carnívoro, animal, deixando que quarenta e oito anos se arrastassem como se fossem quinhentos, que penas de prisão se eternizassem em

medidas de segurança, enquanto vidas se perdiam como se não fossem nada, perdurando nem um segundo.

E o tempo deixou marcas.

Cascos de cavalos na areia. Prisões marcadas na pele. Quartéis em fábricas. Despedimentos.

Isto o Barreiro também ensina.

Isto o Barreiro também é.

Isto também é o que somos.

Superámos.

Superámo-nos.

Superámos o tempo, as suas limitações, as suas regras.

Começámos a construir tudo de novo. De um momento para o outro. Outra vez.

Olho todo o caminho feito, tudo o que construímos, e está lá. Continua ali.

Como há quarenta anos estava.

Se estender o braço, toco-o.

Sei que se abrir as portas a rua voltará a encher-se. Sei que se arriscar, é possível. Sei que se cada um de nós quiser, está ganho.

No limite atual deste percurso, olhando o futuro, o Barreiro Reconhecido declara uma pertença, uma identificação, uma aspiração.

Através dele queremos dizer “fazes parte da nossa história”, “és uma parte de nós e do que somos”, “é por aí que devemos ir, é assim que se faz”.

Confiando que quem o recebe assume-se parte deste compromisso.

Aceita a responsabilidade.

Aceita a confiança.

Assume o dever de continuar a fazer. Mais. Melhor.

Reconhece-se como parte da nossa comunidade. Com um passado, um presente e um futuro.

Heterogénea. Criativa. Empenhada. Solidária.

A todos vós, muito obrigado.

Um Abraço! Sempre!